

Juventudes em Movimento: Comunicação e Cidadania em grupos juvenis de Imperatriz (MA)¹

Ana Maria Conceição do Nascimento²

Leila Lima de Sousa³

Universidade Federal do Maranhão/Imperatriz - UFMA

RESUMO

A pesquisa investiga as dinâmicas que circundam os processos comunicacionais e as perspectivas sobre cidadania desenvolvidas pelos grupos de juventudes de Imperatriz (MA). A metodologia se baseia em três etapas: identificação dos grupos, entrevistas em profundidade pelo Google Meet e transcrição dos materiais. Como base teórica, Reguillo (2000), Sposito e Corrochano (2005) falam que os jovens devem ser considerados atores sociais ativos na sociedade e não apenas tratados de forma hegemônica. Ao todo, foram entrevistados nove integrantes de diferentes grupos juvenis. Como resultados, os grupos atuam como espaços de apoio e formação cidadã, mas enfrentam a falta de políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: juventude; grupos juvenis; cidadania; comunicação; Imperatriz.

1. INTRODUÇÃO, JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA

Este resumo surge a partir do projeto “Grupos juvenis em Imperatriz e estratégias de comunicação na reivindicação da cidadania”, que vem sendo desenvolvido desde 2023 na Universidade Federal do Maranhão, com financiamento do PIBIC/CNPq. O objetivo da pesquisa é analisar as configurações dos processos comunicacionais de grupos juvenis em Imperatriz e identificar as perspectivas de cidadania que emergem nesse contexto. A proposta parte do entendimento de que os jovens são – e devem ser reconhecidos como sujeitos ativos da sociedade - ocupando espaços onde possam debater abertamente suas questões e necessidades, além de serem agentes políticos que têm produzido importantes movimentos de reflexão, formação e educação político-cidadã capaz de colocar em debate temas até então negligenciados ou invisibilizados socialmente.

Reguillo (2000) defende que é importante compreender a juventude como parte integrante da sociedade, atribuindo aos jovens o papel de “atores sociais”. Esses atores seriam fundamentais nos processos de articulação e mobilização política e cidadã. Porém, para que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cidadania Comunicativa e Narrativas Emancipatórias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. E-mail: ana.mcn@discente.ufma.br.

³ Professora do Curso de Jornalismo e do PPGCOM da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. Doutora em Ciências da Comunicação/Unisinos. E-mail: sousa.leila@ufma.br.

possam assumir esse papel, é necessário que tenham acesso a ferramentas que possibilitem o conhecimento. É a partir desse acesso que se constroi uma consciência crítica sobre a realidade juvenil em Imperatriz, permitindo identificar, sob a perspectiva dos próprios jovens/coletivos, os marcadores sociais que contribuem para que tenham a possibilidade de fazerem parte de um grupo, mas também de serem excluídos de outros espaços sociais.

Segundo Sposito e Corrochano (2005), existem diferentes interesses, necessidades e realidades juvenis, o que faz com que as políticas públicas voltadas para eles não sejam pensadas de uma forma estruturada e inclusiva, e sim como respostas emergenciais sem considerar a juventude como algo diverso. Ou seja, são políticas públicas que não reconhecem os jovens como sujeitos de direitos. De acordo com Groppo (2017) a juventude é observada nas ciências sociais de um lado através do entendimento de que esse segmento é natural e universal. De outro, por meio da negação e da imprecisão das pesquisas. A fragilidade teórica que as acompanham, marcadas pelo excesso de empiria em formato de relato e a falta de interpretação e problematização das realidades, faz com que haja uma negação da importância da juventude.

O autor aduz que muitos estudos acabam por problematizar a juventude de acordo com o assunto que está na “moda”, a saber: a juventude associada à delinquência, ao radicalismo, à violência, por exemplo. Ao invés de realmente refletir, desestabilizar e ampliar o entendimento sobre o segmento social. Essa pesquisa nasce, pois, de uma necessidade de refletirmos e analisarmos sobre quais os perfis das juventudes de Imperatriz e quais ações as mesmas têm desenvolvido na tentativa de fazer valer seus direitos e reclamos sociais.

Mello e Gonçalves (2010, p. 02) contribuem para esta pesquisa ao apontarem a interseccionalidade como “uma categoria analítica que permite a leitura do social a partir das múltiplas opressões que atravessam a existência singular de cada pessoa, em todos os contextos sociais”. Sendo assim, a abordagem interseccional permite considerar que os sujeitos juvenis são atravessados por marcadores sociais como classe, gênero, raça, religião, sexualidade e territorialidade, o que impacta suas formas de expressão, organização social e de acesso aos direitos de cidadania, inclusive da lógica de serem considerados jovens ou não (Akotirene, 2019).

Os procedimentos metodológicos da pesquisa foram organizados em três etapas principais: I. Identificação dos grupos e coletivos juvenis da cidade por meio do mapeamento em redes sociais; II. Realização de entrevistas em profundidade com representantes de cada grupo, feitas através da plataforma Google Meet e III. Transcrição das entrevistas, com o

objetivo de documentar e sistematizar os dados coletados, além da construção de categorias a partir dos temas mais apontados pelos jovens como pertencentes às realidades cotidianas deles.

As entrevistas foram realizadas com representantes de diferentes expressões da juventude no município: uma integrante do Grupo de Oração Poço de Jacó – grupo de jovens vinculado à Igreja Católica; uma representante da Aliança Teen Ágape – grupo de jovens ligados à Igreja Evangélica; um integrante da Batalha do Império – grupo de jovens ligados à batalhas de rima; uma brincante da quadrilha junina Xodó Junino; uma representante do Coletivo Juntas – voltado à articulação e formação política juvenil feminina; e um grupo de quatro jovens frequentadores da Beira Rio – principal espaço público de lazer de Imperatriz. Os eixos temáticos são baseados em questões como: I. O surgimento dos grupos/coletivos juvenis; II. A presença (ou falta) de espaços comunitários que favoreçam encontros e convivência entre si; III. A contribuição dos grupos para o desenvolvimento dos participantes e IV. O papel das redes sociais na rotina de divulgação das ações da juventude.

2. RESULTADOS DA PESQUISA

A partir do levantamento de dados, observa-se que os grupos são compostos majoritariamente por jovens entre 13 e 25 anos, com foco na adolescência e no início da vida adulta. A exceção é a quadrilha junina Xodó Junino, que possui uma faixa etária maior, já que permite a participação de pessoas de todas as idades interessadas. Todos os grupos se formaram a partir de movimentos comunitários (escolas, universidades, células religiosas, grupos anteriores) e foram se estruturando através de vínculos afetivos e sociais. Eles mantêm-se ativos através de reuniões e atividades agendadas.

Além das reuniões de oração semanais, a gente escolhe uma escola por mês para visitar e fazer um mini grupo de oração lá. E tem as ações sociais, que a gente faz de duas a quatro ao ano. Escolhemos uma comunidade *pra* contribuir com alguma ação social que envolva os jovens e a comunidade ou alguma contribuição material, seja de cesta básica, ou produto de higiene, ou roupas (Jovem 1 - Grupo de Oração Poço de Jacó)⁴.

As batalhas, normalmente, acontecem ou no sábado ou no domingo. No evento normal, a gente tem um grupo no *WhatsApp* com todos os participantes. Quem quiser entrar na lista manda uma mensagem, dizendo: *Pai, põe meu nome na lista*. Se tivermos uma chave de 8 ou 16 MCs, fechamos a chave e realizamos as batalhas até termos um campeão (Jovem 5 - Batalha do Império)⁵.

⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 12 de março de 2025, na cidade de Imperatriz, Maranhão.

⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 12 de março de 2025, na cidade de Imperatriz, Maranhão.

Os relatos mostram que as juventudes constroem formas semelhantes de articulação, reunindo-se para compartilhar experiências e desenvolver ações em comum. As entrevistas em profundidade indicam que esses grupos surgem, na maioria das vezes, de maneira espontânea, a partir da iniciativa dos próprios jovens, como resposta a interesses e necessidades coletivas. Novaes (2007, p. 01) comenta que “a juventude é vista como etapa de preparação, em que os indivíduos processam sua inserção nas diversas dimensões da vida social, a saber: responsabilidade com família própria, inserção no mundo do trabalho, exercício pleno de direitos e deveres de cidadania”. É justamente nesses espaços de participação que os jovens desenvolvem uma visão crítica sobre o mundo ao seu redor, formulando sua capacidade de posicionamento frente à realidade.

No ano passado, acho que foi quando os meninos mais se envolveram com política, porque um dos nossos patrocinadores desde sempre foi o *deputado X*. Não é que a gente inseriu eles diretamente para votar, mas eles tiveram essa consciência: *Olha, se eu quiser fazer a diferença, vou ter que votar de alguma forma*. A gente conseguiu mostrar para eles como analisar isso, já que estão entrando nesse período de 15, 16 anos, quando começam a ter discernimento para fazer parte da política do nosso país. E se tem uma coisa que a gente promove na quadrilha, é que todo mundo tem que estudar! Eu sei que o trabalho também forma o cidadão, mas estudar é algo de extrema relevância na vida de qualquer pessoa (Jovem 3 - quadrilha junina Xodó Junino)⁶.

Esses apontamentos revelam que os grupos juvenis, para além de espaços de socialização e pertencimento, têm se consolidado como ambientes de formação cidadã e estímulo para questões sociopolíticas. O perfil dos participantes é amplo e plural, refletindo a diversidade das juventudes. Observa-se a presença de estudantes e trabalhadores, jovens oriundos de bairros periféricos, bem como de grupos que fogem dos padrões hegemônicos, como fãs de K-pop⁷, otakus⁸, praticantes de diferentes religiões e jovens com identidades ou estéticas alternativas. Essa heterogeneidade mostra que tais espaços são ocupados por sujeitos atravessados por múltiplas identidades sociais, culturais e econômicas.

Novaes (2007, p. 01) nos lembra que, em uma sociedade marcada por profundas desigualdades, a juventude não é vivida de forma homogênea. “Hoje já é lugar comum falar em ‘juventudes’, no plural. Em uma sociedade marcada por grandes distâncias sociais, são desiguais e diferentes as possibilidades de se viver a juventude como ‘moratória social’”.

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 12 de março de 2025, na cidade de Imperatriz, Maranhão.

⁷ Abreviação de Korean Pop, gênero musical sul-coreano que combina estilos como pop, hip-hop, R&B e outros.

⁸ Termo japonês usado para se referir a pessoas que têm grandes interesses por animes, mangás e a cultura pop japonesa.

Essa pluralidade se expressa não apenas por meio dos diferentes perfis sociais, mas também através das motivações que os levam a integrar os grupos. Há quem busque um espaço seguro para expressar sua fé, quem encontre nas rimas uma forma de resistência ao silenciamento e quem, por meio da dança, construa sua autoestima. São jovens que, muitas vezes, não se sentem acolhidos nos espaços formais - casa, escola e/ou trabalho - e que começam a reconhecer a si dentro desses espaços juvenis.

Ao serem questionados sobre os espaços de lazer e socialização disponíveis em Imperatriz, os jovens demonstram uma forte percepção de carência nesse aspecto. Os locais mais citados como pontos de encontro e atividades para a juventude são a Beira Rio⁹ e o Centro Cultural Tatajuba¹⁰. E mais, todos os participantes apontam que existe uma grande falta de incentivo à cultura e apoio financeiro. É necessário concordar com Silva (2020, p.14-15) quando se fala que as “(...) ações dos governos deveriam ser desenvolvidas através de políticas públicas que estimulassem a prática da cidadania”, uma vez que elas são importantes para garantir condições adequadas ao desenvolvimento dos jovens.

Sobre o uso das redes sociais, os participantes afirmam que elas são utilizadas para divulgar ações e eventos, promover campanhas, além de transmitir atividades ao vivo. Winocur (2009) argumenta que a internet e as redes sociais são como as “pontes” dos jovens para aquilo que é lhes negado durante a vida cotidiana. Por meio dessas ferramentas, eles constroem estratégias de mobilização e engajamento direto. Além disso, os grupos juvenis acabam por compreender a cidadania como uma forma ativa, comunitária e voltada para a ocupação dos “espaços” que transformem as suas realidades de acordo com os objetivos em comum de cada coletivo.

O Coletivo me humaniza todos os dias, porque a gente trabalha, estuda, tem uma rotina extremamente desgastante e tem um poder público que não pensa na juventude, aí nossa humanidade vai se perdendo. O papel dos movimentos de juventude e dos movimentos sociais é esse: trazer a humanidade, trazer a dignidade, trazer a cidadania que é negada todos os dias (Jovem 4 - Coletivo Juntas)¹¹.

Assim, percebe-se o quão amplas e urgentes são as demandas da juventude imperatrizense. Mesmo atuando em grupos diferentes, todos reivindicam os mesmos direitos fundamentais: o direito ao lazer, à cultura e, sobretudo, à cidadania. Apesar da dificuldade financeira de alguns grupos para se manterem, como a Batalha do Império e a quadrilha

⁹ É o cartão-postal de Imperatriz com o espaço público aberto localizado às margens do rio Tocantins.

¹⁰ Espaço gratuito voltado para a promoção da arte e da cultura maranhense.

¹¹ Entrevista de pesquisa concedida em 24 de outubro de 2023, na cidade de Imperatriz, Maranhão.

junina Xodó Junino, eles conseguem se firmar como um meio de transformação social para os participantes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos das entrevistas com jovens de diferentes grupos da cidade de Imperatriz mostram que há uma articulação comunicativa entre eles e com outros jovens, seja por meio das redes sociais ou por conversas diretas. Compostas por jovens de diferentes perfis sociais, culturais, religiosos e territoriais, essas iniciativas reforçam a pluralidade das juventudes. Esses espaços grupais permitem que eles se conectem com pessoas que compartilham dos mesmos objetivos, o que contribui para o fortalecimento de suas identidades. Além disso, é evidente que todos os grupos enfrentam desafios em comum, especialmente a falta de espaços de lazer e a ausência de políticas públicas que atendam às suas demandas e preencham as lacunas existentes na cidade. As entrevistas revelam que tais grupos não apenas contribuem para o fortalecimento da identidade juvenil, mas também promovem o engajamento político, o senso de pertencimento e a construção coletiva da cidadania.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- GROPPO, Luís Antônio. **Introdução à sociologia da juventude**. Paco editorial, 2017.
- MELLO, Luiz; GONÇALVES, Eliane. Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/download/2157/pdf>. Acesso em: 08 de abril de 2025.
- NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Sociologia Especial: ciência e vida**, v. 1, n. 2, p. 6-15, 2007. Disponível em: <https://11nq.com/IJCU8>. Acesso em: 09 de abril de 2025.
- REGUILLO, Rossana. **Emergencia de culturas juveniles**. Estrategias del desencanto. Bogotá: Grupo editorial Norma, 2000.
- SILVA, Maria Léa Guimarães da. **A inclusão digital nas políticas públicas de inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação: o discurso e a prática dos cursos de formação de professores**. 2014, 187p. Dissertação (Mestre em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 187p. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/17497>. Acesso em: 09 de abril de 2025.
- SPOSITO, Marília P.; CORROCHANO, Maria C. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Tempo Social**, v. 17/2, 2005. p. 141-172.
- WINOCUR, Rosalía. **Robinson Crusoe ya tiene celular: La conexión como espacio de control de la incertidumbre**. México: Siglo XXI, 2009.